

Parte I

Considerações sobre a consequência epistemológica de um novo paradigma da Filosofia Primeira

“Gadamer explica el saber aplicativo a que la hermenéutica conduce, recurriendo a la definición que Aristóteles da del saber práctico. Tres momentos tiene em común el saber hermenéutico con aquel saber ético-político que Aristóteles distinguía por igual tanto de la ciencia como de la técnica. Primero, el saber práctico tiene una forma reflexiva: es a la vez < saber-se>. De ahí que en los ámbitos de saber práctico, sea en nosotros mismos donde hacemos experiencia de los errores. Las opiniones falsas tienen la forma de una falsa conciencia devenida hábito. La falta de prudencia tiene la forma objetiva de una obcecación. De ello depende también un segundo momento: el saber práctico es un saber internalizado. Tiene la capacidad de fijar los impulsos y confirmar las pasiones. Por el contrario, el saber técnico permanece externo. Es decir, las reglas técnicas las olvidamos en cuanto dejamos de usarlas. Las reglas prácticas, una vez dominadas, se convierten, en cambio, en parte de la estructura de la personalidad. De ahí que el saber práctico no pueda adquirir-se sin presupuestos, como el teórico; tiene que conectar con una estructura de <prejuicios>. Sólo al oyente que en virtud de apropiadas tradiciones y de situaciones vividas posea ya un presaber, se le podrá enseñar algo en clases de filosofía práctica. El saber práctico conecta con un proceso de socialización y lo prosigue. A partir de aquí resulta también inteligible el tercer momento: el saber práctico es global. No se refiere a fines particulares que pudieran determinar-se con independencia de los medios de su realización: los fines orientadores de la acción, así como las vías por las que pueden realizar-se, constituyen momentos de la misma forma de vida social, que se forma mediante la acción comunicativa. El saber práctico orienta sobre reglas de interacción. Estas reglas recibidas son reglas interiorizadas, pero las condiciones históricamente cambiantes de su uso exigen una aplicación que a su vez desarrolle las reglas al interpretarlas.” [HABERMAS, Jürgen. 1990: 248/249]

1. SOBRE A COMPREENSÃO PARTICIPATIVA DA EPISTEMOLOGIA EM SITUAÇÃO DE SALA DE AULA

“This volume on philosophy begins with education because I think that philosophic issues are best approached first as educational issues. This was also the assumption of the two philosophers, Plato and Dewey (...) Both explicitly equated education with the practice of philosophy, and both were practicing educators. Philosophic theory is the reflective analysis of, and justification for, fundamental normative ideas such as the ideas of truth and justice. Considering how these ideas should enter into education of the young is the best path to the philosophic theory of the ideas themselves.” [KOHLBERG, Lawrence. 1981: 1]

A elaboração desse texto é a expressão prática de um **agir comunicativo - situação de fala ou comunicação orientada ao entendimento** - que se desenvolveu ao longo dos seminários de Epistemologia das Ciências Sociais, conduzidos pelo autor, no Mestrado de Ciência Política da UFRGS, nos anos de 1993-95.

Os conceitos aqui explicitados, já como um **fazer comunicativo - estrutura de discurso ou manifestação simbólica do conhecimento** - foram, à época, trabalhados na perspectiva embrionária de uma proposta de reconstrução teórica, no campo da auto-reflexão da ciência sobre os seus próprios fundamentos, que propusemos designar pelo conceito de **epistemologia de síntese**.

Nossa virtual oficina epistemológica reuniu, assim, alunos e professores, na condição de ouvintes e falantes de uma interação comunicativa, na busca do **entendimento**, como um patamar de concordância capaz esclarecer as implicações mútuas do significado dos seus proferimentos na *comunidade lingüística*. De outro lado, essa experiência de auto-reflexão comunicativa contou com o aval da academia e investigou o estado atual da arte na epistemologia das ciências sociais, como fundamento e objeto da produção do **conhecimento**, enquanto expressão concreta, simbólica e portanto objeto, do seu respectivo conteúdo de saber desvelado no *mundo da vida*.

Tratou-se, em última análise, de um perscrutar, talvez algo inusitado, sobre a complementaridade do **agir e do fazer comunicativos**, em cujo horizonte se inscreveu uma dupla intencionalidade:

- a) a sustentação prática de uma **experiência de aprendizagem-desenvolvimento**, que permita explicitar, nos seus desdobramentos, todas as condições de validade do processo de comunicação subjacente; e
- b) a figuração simbólica de uma **teoria do conhecimento** como elaboração teórica que permita iluminar os interesses epistemológicos subjacentes, no quadro de suas relações funcionais, e os campos de atualização do saber, que determinam o seu enquadramento estrutural; tudo isso, na formulação de um paradigma epistemológico, que lhes dê, assim e à sua vez, consequência e fundamento.

A **Tabela 1**, a seguir, apresenta uma primeira tentativa de modelagem dessas correspondências e nexos conceituais.

Tabela 1 - Emergência do agir e do fazer comunicativos como realidades distintas e articuladas no processo da comunicação lingüística.

ESTRUTURA DO AGIR COMUNICATIVO		ESTRUTURA DO FAZER COMUNICATIVO	
Situação prática de aprendizagem-desenvolvimento	Enquadramento teórico [HABERMAS]	Situação prática de produção simbólico-discursiva	Enquadramento teórico [PEIRCE]
Experiência de sala de aula em epistemologia das ciências sociais	Estrutura de fala - ação orientada ao entendimento	Elaboração deste texto sobre epistemologia de síntese	Estrutura sígnica - representação orientada ao conhecimento
Professor	Falante	Estrutura acadêmica da Universidade	Fundamento do <i>representámen</i>
Alunos	Ouvinte	O estado atual da arte na epistemologia das ciências sociais	Objeto
Exposição oral de idéias	Proferimento	Modelo paradigmático da epistemologia de síntese	Interpretante

Do que vai acima figurado, podem ser retiradas algumas conclusões primeiras, elementares e significativas, no curso desta reflexão:

- a) Há uma **diferença**, clara e meridiana, entre o que ocorre na experiência de sala de aula e o que se desenvolve no esforço de produção deste texto - estrutura de fala, ou **agir comunicativo**, de um lado, e estrutura simbólico-discursiva, ou **fazer comunicativo**, de outro, são realidades distintas, embora imbricadas, como os dois lados de uma mesma moeda: o processo da **comunicação lingüística**.
- b) **Ação comunicativa**, orientada ao **entendimento**, e **representação simbólica**, orientada ao **conhecimento**, são, portanto, processos distintos, mas complementares, impondo-se o esclarecimento dos seus nexos pela reflexão, hermenêutica ou epistemológica, que se debruce sobre o estado atual da comunicação lingüística nas ciências.
- c) Na busca desses nexos, deparamos, desde logo, com um **paralelismo**, na **estrutura triádica** da “ação comunicativa” e da “representação simbólica”, que nos abre o caminho da investigação paradigmática, que se desenvolverá ao longo deste texto.

1.1 Implicações do agir e do fazer comunicativos como tema de investigação epistemológica.

A separação conceitual **do agir e do fazer comunicativos**, e a complementaridade destes conceitos, estão implícitas, denotadas, embora não clarificadas, no pensamento de HABERMAS. De um lado, o **agir comunicativo** faz sentido, como a moeda simbólica da comunicação, que assegura e avaliza a interação de *ouvintes* e *falantes* no âmbito da *comunidade lingüística*; de outro

lado, o conceito do **fazer comunicativo** designa a sua expressão, como discurso, que se objetiva no mundo da vida¹.

Em primeiro plano, uma diferença de nível analítico impõe, desde logo, a distinção conceitual: entre o **agir** - que se orienta ao **entendimento**, enquanto *meio* para a sua consecução; e o **fazer** - que manifesta o **conhecimento**, enquanto uma condição “*sempre-já dada*” e, no entanto, a cada momento reconstruída, da linguagem, como estrutura simbólica.

É importante, ademais, estabelecer-se com bastante nitidez a distinção entre esses dois conceitos, do **agir** e do **fazer comunicativos**. Eis que eles polarizam o debate epistemológico contemporâneo, na medida em que:

- a) o **agir comunicativo**, como **perspectiva do entendimento** - que orienta teleologicamente os processos de comunicação, constituindo-se na sua função primordial - integra o cerne das **hermenêuticas**, que reivindicam a indispensabilidade de um modo performativo para a interpretação do significado;
- b) o **fazer comunicativo**, como **disciplina do conhecimento** - que é a manifestação estruturada e sistêmica, objetual e semiológica, da interação comunicativa - se constitui no cerne das **epistemologias científicas**, hoje dominantes, construídas sobre a exacerbação do modo cognitivo de apercepção da realidade.

Opera neste sentido, também, a distinção entre a *semiosis* (como processo da inferência) e a *semiótica* (como doutrina dos signos) na concepção de PEIRCE: a primeira como uma expressão do *signo-ação*, e a segunda do seu *representámen*.² Perseguindo a consequência dessa articulação entre os distintos níveis analíticos da *ação* [ou *signo-ação*] e do *sistema de ação* [ou *signo-representámen*], a estrutura deste texto procura explicitar um duplo desdobramento:

- a) do seu **momento pedagógico** - a atividade de ensino e pesquisa em que interagem alunos e professor, assim visualizado como o tempo e o modo de nosso **agir comunicativo**; e
- b) do seu **momento discursivo** - a produção simbólica, que se inscreve no universo mais amplo da reconstrução de uma teoria epistemológica - assim visualizados como o resultado concreto de nosso **fazer comunicativo**.

Saliente-se que uma linha de consequência relevante, na clarificação dessa distinção conceitual, e que será adiante explicitada, é a derivação das suas implicações paradigmáticas: enquanto os pressupostos racionais³ do **agir comunicativo** designam a **hermenêutica** como pedagogia do en-

¹ “La separación de los niveles analíticos que representan la acción y el sistema de acción es sobre todo importante para la distinción de Giddens entre “trabajo” y “praxis”. (...) Yo prefiero introducir el concepto de mundo de la vida como concepto complementario del de acción comunicativa y entiendo la acción comunicativa como el medio a través el cual se reproducen las estructuras simbólicas del mundo de la vida.” [HABERMAS, 1993, pag. 458]

² “La semiosis, siendo proceso de inferencia, es el objeto propio de la semiótica (...) Peirce distingue el signo-acción, que es otro nombre de la semiosis, y el signo-representámen, que constituye em punto de partida de la inferencia semiótica. Esta dualidad funcional condujo a Peirce a utilizar la palabra “signo” cuando habla del signo en acción y la palabra “representámen” cuando analiza los elementos constitutivos de la semiosis.” [Deledalle, mimeo]

³ “Voy a desarrollar la tesis de que todo agente que actúe comunicativamente tiene que entablar en la ejecución de cualquier acto de habla pretensiones universales de validez y suponer que tales pretensiones pueden desempeñar-se. En la medida que quiera participar en un proceso de entendimiento, no puede menos de entablar las siguientes pretensiones universales de validez (precisamente éstas y no otras}: la de estarse expressando inteligiblemente; la de estar dando a entender algo; la de estar dando-se a entender; y la de entenderse con los demás. El hablante tiene que elegir una expresión inteligible, para que hablante y oyente puedan entenderse entre si; el hablante tiene que tener la intención de comunicar un contenido proposicional verdadero, para que el oyente pueda compartir el saber del hablante; el hablante tiene que querer expresar sus intenciones de forma veraz para que el oyente pueda crear en la

tendimento, as determinações estruturais do **fazer comunicativo** designam a **epistemologia de síntese** como teoria do conhecimento - esta que, por sua vez, resulta inevitavelmente imbricada numa teoria da sociedade.

1.2 O modelo habermas/parsoniano de comunicação e os pressupostos estruturais-funcionais do entendimento.

No modelo de comunicação que emerge em nossa abordagem, a **linguagem**, sede estrutural do agir e do fazer comunicativos, sistematicamente se desborda em **três regiões** (ou espaços de atualização), correspondentemente designados pelos conceitos habermasianos de *natureza externa*, *sociedade*, e *natureza interna*⁴; ao mesmo tempo, a **linguagem**, enquanto tal, constitui-se numa totalidade de sentido - uma região distinta ou um espaço autônomo de estruturação do agir e do fazer comunicativos.

Essa concepção é caudatária da teoria da ação social de PARSONS [1972], que explicita o conceito de *societal community* [correspondente à categoria habermasiana da *linguagem*], como a coletividade organizada em referência a padrões, que interage nas **três regiões de um ambiente**, assim conformado:

- a) pelo **sistema cultural** [correspondente à categoria habermasiana da *sociedade*] cuja função básica é a **legitimação** da ordem normativa, que define a razão para os direitos e proibições impostos aos seus membros;
- b) pelo **sistema de personalidade** [correspondendo à categoria habermasiana da *natureza interna*] cuja função básica é a **socialização** dos seus membros, envolvendo o aprendizado, desenvolvimento e manutenção da motivação para participar nos padrões de ação socialmente controlados e valorizados; e,

manifestación del hablante (pueda fiar-se de él); el hablante tiene, finalmente, que elegir una manifestación correcta por lo que hace a las normas y valores vigentes, para que el oyente pueda aceptar esa manifestación, de suerte que ambos, oyente y hablante, puedan concordar entre sí en esa manifestación en lo que hace a un transfondo normativo intersubjetivamente reconocido. Por lo demás, la acción comunicativa sólo puede proseguir-se sin perturbaciones mientras todos los participantes supongan que las pretensiones de validez que unos a otros se plantean, son pretensiones planteadas con razón." [HABERMAS, 1993, págs. 300-301]

⁴ Para esclarecer os conceitos trabalhados no *modelo de comunicação lingüística* apresentado por HABERMAS, nada melhor que o próprio texto do filósofo: "**Naturaleza externa** es todo aquello que puede ser afirmado explícitamente como contenido de los enunciados. <Objetividad> puede designar el modo y manera como la realidad objetivada aparece en el habla.. Y <verdad> es la pretensión que hacemos valer para la correspondiente proposición.. La **realidad social** de los valores y normas de acción penetra en el habla a través de los componentes ilocucionarios de los actos de habla (por así decir-lo, a través de la actitud realizativa de hablantes y oyentes) como un fragmento de realidad no objetivada. Análogamente, la **naturaleza interna** de los sujetos participantes se manifiesta en el habla a través de las intenciones del hablante como otro fragmento de realidad no objetivada. Propongo los términos <normatividad> y <subjetividad> para designar el modo y manera como la sociedad no objetivada o, en su caso, la naturaleza interna no objetivada aparecen en el habla.. <Rectitud> es la pretensión que hacemos valer en relación con la normatividad de una emisión, y <veracidad> la pretensión que hacemos valer en relación con la intención expresada en ella.. Así, las estructuras universales del habla aseguran no sólo la referencia a la realidad objetiva, sino que dejan también espacio, así para la normatividad de las emisiones, como para la subjetividad de las intenciones expresadas. Finalmente, empleo el término <intersubjetividad> para la comunidad establecida entre los sujetos capaces de lenguaje y acción a través de la comprensión de significados idénticos, y del reconocimiento de pretensiones universales de validez. La pretensión que puede hacerse valer en relación con la intersubjetividad, es la inteligibilidad - se trata de la pretensión de validez específica del habla." [HABERMAS, 1993, PAG. 367].

- c) por seu **enquadramento orgânico e físico** [correspondendo à categoria habermasiana da *naturaleza externa*] cuja função básica é a **instrumentação** das necessidades e desejos humanos, por meio de processos tecnológicos eficazes para a sua satisfação.

Esse enquadramento teórico, que podemos designar como o modelo habermas/parsoniano da **comunicação lingüística**, expressando as correspondências estruturais-funcionais da **linguagem**, nos seus diferentes âmbitos e formas de manifestação fenomênica, permite avançar nossa investigação, na clarificação dos pressupostos e das implicações que a **reflexão epistemológica** transaciona com a **teoria da sociedade**. Esse mesmo intuito, aliás, permeia toda a obra do filósofo da comunicação e é por ele claramente assumido, ao afirmar que “*a crítica do conhecimento só é possível como teoria da sociedade*” (HABERMAS, 1987, pag. 23).

Uma primeira direção de nossa investigação, portanto, deve esclarecer o modo como a **linguagem**⁵, no modelo habermas/parsoniano da comunicação, constitui efetivamente uma estrutura superposta - essa mesma que corresponde ao conceito parsoniano da “*societal community*” - que se desborda sobre uma realidade sempre-já-dada, compreendida pelas três regiões estruturais acima identificadas. É na interação da linguagem com esse ambiente que emergem as **três funções gerais do ato de fala**⁶, as quais correspondem, no modelo de comunicação de HABERMAS, às três dimensões estruturais do real ou, como ele os conceitua, aos **âmbitos da realidade**⁷.

A **Tabela 2**, a seguir, descortina um horizonte de trabalho, na explicitação dessa correspondência:

Tabela 2 - Modelo habermasiano do agir comunicativo*

Un modelo de la comunicación lingüística			
Ámbitos de realidad	Forma fenomênica de las referências a la realidad	Pretensiones de validez implícitas	Funciones generales del acto de habla
<i>Naturaleza externa</i>	<i>Objectividad</i>	<i>Verdad</i>	<i>Exposición de estados de cosas</i>
<i>Sociedade</i>	<i>Normatividad</i>	<i>Rectitud</i>	<i>Establecimiento de relaciones interpersonales</i>
<i>Naturaleza interna</i>	<i>Subjetividad</i>	<i>Veracidad</i>	<i>Expresión de vivencias subjetivas</i>
<i>Lenguaje</i>	<i>Intersubjetividad</i>	<i>Inteligibilidad</i>	AUTO-REFLEXÃO COMUNICATIVA**

* Cfr. HABERMAS, 1993, pag. 368. ** Complementação do quadro proposto por HABERMAS, explicitando a função específica da linguagem, como agir comunicativo ou “estrutura de fala”.

⁵ “*Meta del entendimiento es la producción de un acuerdo, que termine en la comunidad intersubjetiva de la comprensión mutua, del saber compartido, de la confianza recíproca y de la concordância de unos con otros. El acuerdo descansa sobre la base del reconocimiento de cuatro correspondientes pretensiones de validez: inteligibilidad, verdad, veracidad y rectitud.*” [HABERMAS, 1993, pág. 301]

⁶ “*Exposición de estados de cosas; establecimiento de relaciones interpersonales; e expresión de vivencias subjetivas.*”

⁷ *Naturaleza externa, sociedade e naturaleza interna.*

Sombreamos o espaço ocupado pela **linguagem** no quadro categorial elaborado por Habermas - em que aparece como uma quarta dimensão do seu modelo de comunicação lingüística - porque, de fato, constitui essa **estrutura de fala e comunicação simbólica** um plano diferenciado dos demais "**âmbitos da realidade**", onde, afinal, se integram as outras três dimensões figuradas na **Tabela 2**.

É assim que se pode visualizar, na **linguagem**, uma estrutura que, ademais de constituir-se pela **dupla tríade** do agir e do fazer comunicativos, se **desdobra numa outra duplicidade triádica**: impacta nas três estruturas do seu ambiente de comunicação e realiza-se nas três funções gerais correspectivas dos processos de comunicação lingüística. A totalidade de sentido, assim figurada, orienta-se aos conceitos complementares e sintéticos do **entendimento** e do **conhecimento**. Dessa compreensão totalizante da linguagem, deriva-se a designação da **epistemologia de síntese**, que é o objeto próprio da nossa reflexão.⁸

1.3 O agir comunicativo na hermenêutica de HABERMAS e os pressupostos funcionais do entendimento

Na **epistemologia de síntese**, a linguagem - que é, também, sede do **entendimento** e do **conhecimento** - pressupõe três **determinações funcionais do agir e do fazer comunicativos**, que são correlatas às dimensões funcionais do modelo habermas/parsoniano de comunicação, mas que, para maior precisão conceitual e para a adequada derivação de todas as suas implicações, convencionamos designar como as funções: da **fundamentação transcendental do entendimento** dos seus enunciados; da **compreensão participativa do discurso** que os integram; e da **reconstrução teórica do significado** que denotam.

Esses pressupostos funcionais, que passaremos a designar como **interesses epistemológicos** - eis que designam uma teleologia da linguagem, enquanto condições necessárias do entendimento e do conhecimento - integram a **metodologia da interpretação hermenêutica**, na amplitude que lhe confere HABERMAS [1989:37-60].

Para os objetivos deste texto, é importante fixar que as partes envolvidas no processo de comunicação exercitam uma disciplina de interações, que podem ser analiticamente desdobradas em três momentos, funcionalmente constitutivos da totalidade das suas interações lingüísticas, e que podem ser assim caracterizados:

- **Ao dar uma expressão de algo que tem em mente** - [HABERMAS 1989], alunos e professor, como sujeitos-ativos do processo de comunicação - ou seja, como falantes - adentram um primeiro patamar da experiência educacional como auto-reflexão comunicativa. Buscam, assim, o estabelecimento prático do entendimento **sobre os quadros referenciais** da epistemologia contemporânea, a partir das suas próprias **condições de conhecimento** - de sua visão do senso comum da vida, dos seus preconceitos e dos paradigmas tradicionais que, porventura, tenham internalizado. Há uma **tensão**, nesse procedimento, entre o **algo** que se pretende expressar (como um proferimento) e as **estruturas mentais** de quem o está manifestando (como falante). **Privilegia-se aqui a condição do falante**, até porque está na sua capacidade atingir ou não o nível de complexidade do raciocínio, capaz de lhe assegurar a freqüência da emissão, necessária à expressão da realidade que pretende representar. Reconheça-se, por outro lado, que todo o pro-

⁸ Ao optar por um significativo esforço de inovação terminológica, tive em mente a sétima recomendação da ÉTICA DA TERMINOLOGIA proposta por PEIRCE: "*Sétimo: Considerar **INDISPENSÁVEL** a introdução de novos sistemas de expressão quando novas conexões importantes entre conceitos venham a ser realizadas, ou quando tais sistemas possam, de alguma forma, servir positivamente aos propósitos do estudo filosófico.*"[1977?43]

cesso de comunicação constrói-se sobre uma expectativa de resposta - **dialógica** - por parte de quem emite a informação, relativamente ao seu público receptor. Isso que, exatamente, exige do processo educacional que seja mais do que um simples **transmitir** e **aprender** da realidade, mas que trabalhe, também, as condições oferecidas pelos sujeitos de comunicação - suas crenças e preconceitos e a própria amplitude do seu descortino - propiciando-se um **desenvolver** das estruturas mentais que viabilizem a expressão dos respectivos proferimentos, como conteúdos de **verdade**. O agir e o fazer comunicativos, como **expressões de vivências subjetivas**, impõem, destarte, aos sujeitos da comunicação, a necessidade de se auto-transcenderem, estabelecendo as próprias condições de acessibilidade à razão, que viabilizam o entendimento/conhecimento. Esse primeiro momento constitutivo da prática epistemológica, em sede do seu potencial **emancipatório** - correspondendo ao conceito clássico da *théoria* - é impulsionado pelo que denominamos **INTERESSE TRANSCENDENTAL DO ENTENDIMENTO**.

- Buscando esse entendimento, alunos e professor, assim e à sua vez, **comunicam-se com outro membro de sua comunidade lingüística** [HABERMAS, 1989]. Na compreensão da perspectiva do outro, como interlocutor direto, opera-se a **crítica**, enquanto decodificação de todas as perspectivas relevantes no âmbito da comunidade lingüística, que as submete a uma avaliação à luz de critérios intersubjetivamente aceitáveis. Há uma **tensão**, nesse procedimento, entre a perspectiva de cada parte na comunicação do falante e do ouvinte, do **eu** e dos **outros**, do indivíduo e da sociedade. **Privilegia-se aqui a perspectiva do ouvinte** - de onde emana a capacidade de **compreensão** que viabiliza o entendimento/conhecimento no espaço de comunicação - porque é, efetivamente, nessa condição do sujeito-passivo que esse processo chega ao seu termo. Esse segundo momento constitutivo da prática epistemológica, em sede de sua condição de reciprocidade e de sua correspondência ao conceito clássico da *práxis*, é impulsionado pelo que denominamos **INTERESSE DA COMPREENSÃO PARTICIPATIVA DO DISCURSO**.
- A efetividade do entendimento/conhecimento implica, ainda, que o respectivo proferimento expresse o conteúdo da auto-reflexão **sobre algo no mundo** [HABERMAS, 1989]. **Privilegia-se, aqui, a engenharia de um consenso** - efetivo ou virtual - articulando falantes e ouvintes na busca de uma objetividade, ainda que provisória, quanto ao seu próprio significado, limites e condições de validade; isso que **realiza** o processo de comunicação. Para tanto, há que institucionalizar-se o conteúdo hipotético da objetividade alcançada em suas transações comunicativas. De um lado, isso implica num esforço adicional de generalização e formalização do entendimento, enquanto **reconstrução do respectivo quadro teórico** ou paradigmático. E, de outro lado, viabiliza a **apropriação terapêutica** da sua consequência plena, como idéia-força, atuando sobre as próprias condições da comunicação que lhe deu origem e promovendo seu impacto sobre a realidade que lhe é externa. Desvela-se aqui a tensão inevitável entre o caráter **universal-abstrato** do conceito e a **dimensão particular-concreta** de sua aplicação, na perspectiva de sua vocação instituinte e de sua dimensão instrumentalizante. Essa concordância, da reflexão sobre a realidade, corresponde ao conceito clássico da *poiésis*, e sua emergência no processo de comunicação é impulsionada pelo que denominamos **INTERESSE DA RECONSTRUÇÃO TEÓRICA DO SIGNIFICADO**.

A **Tabela 3**, a seguir, desenvolve um exercício de formalização dessa correspondência que postulamos, entre a hermenêutica habermasiana e o modo de operação dos interesses epistemológicos.

Tabela 3 - Esquemática para uma análise da hermenêutica de HABERMAS.*

Interesses epistemo-lógicos x Características fenomênicas da análise	Interesse Transcendental do Entendimento	Interesse da Compreensão Participativa do Discurso	Interesse da Re-construção Teórica do Significado
Operações realizadas no processo da (re)construção racional do saber.	Explicita as condições de validade de proferimentos permitindo explicar casos desviantes.	Explicita as determinações estruturais do saber teórico - estabelecendo limites de generalização/universalidade e argumentos destinados a comprovar a inevitabilidade de pressuposições de suas práticas relevantes.	Empurra as pretensões de validez particulares para além dos limites da tradição, podendo fixar novos padrões analíticos. Estabelece a relação entre um proferimento e o conjunto dos proferimentos possíveis na mesma língua.
Funções preenchidas, pelas operações hermenêuticas, no processo da (re)construção racional do saber.	FUNDAMENTAÇÃO do entendimento/conhecimento. (EMANCIPAÇÃO)	Crítica - historicização e contextualização do discurso. (PERSONALIZAÇÃO)	Qualificação do conhecimento/ construção do significado. (INSTITUCIONALIZAÇÃO)
Abrangência da interpretação na análise hermenêutica - como linguagem em ação - como é empregada pelos participantes para chegar à compreensão conjunta de uma coisa ou a uma maneira de ver comum (primeira conceitualização dos <u>campos de atualização da prática epistemológica</u>).	Relação de aquilo que se tem em mente - expressão da intenção do falante e das razões porque o autor se sentia com direito a avançar determinadas asserções (como verdadeiras), a reconhecer determinados valores e normas (como corretos) e a exprimir determinadas vivências (como sinceras), ou, conforme o caso, a atribuí-las a outrem. Envolve algo existente no mundo próprio, subjetivo, do falante.	Relação com um outro membro da sua comunidade - expressão do estabelecimento de uma relação entre o falante e o ouvinte - que envolve algo no mundo social (a totalidade de relações interpessoais reguladas de um modo legítimo).	Relação entre frases e algo no mundo - expressão do objeto no mundo "sobre" que as frases enunciam algo - se refere a algo no mundo objetivo (como a totalidade daquilo que é ou poderia ser o caso).
Funções sociais da hermenêutica.	Construção das estruturas mentais/institucionais do conhecimento	Socialização da interpretação cultural das necessidades. Integração social ou coordenação dos planos de diferentes atores na interação social.	Reprodução cultural ou presentificação das tradições.

* Este quadro conceitual trabalha os conceitos expostos em HABERMAS 1989:37-60.

Assim visualizado o nosso prospecto pedagógico, e sintonizada a ótica do modelo de comunicação habermas/parsoniano, clarifica-se o conceito dos **interesses epistemológicos** como efetivos **vetores da interpretação hermenêutica**; é isso que resgata à análise os pressupostos funcionais subjacentes do agir e do fazer comunicativos.⁹

Até este momento, relacionamos indistintamente o conceito dos **interesses epistemológicos** no processo de comunicação à dinâmica do agir e do fazer comunicativos, e de suas pretensões correspectivas do **entendimento** e do **conhecimento**. Justifica-se essa generalização primeira da nossa abordagem, pelo fato de que tais interesses epistemológicos, emergindo à análise como dimensões funcionais do agir comunicativo, na busca do **entendimento**, nem por isso deixam de estar imbricados no processo do fazer comunicativo, ou seja, na atualização das condições estruturais do **conhecimento**. Não obstante, a busca de maior precisão conceitual e adequação teórica nos obriga, agora, a seccionar esta análise, buscando as articulações próprias de cada uma dessas polaridades que representam a função e a estrutura no espaço próprio e nas condições específicas do processo de comunicação.

Num primeiro momento, trata-se de estabelecer a vinculação teórica da **triade do agir comunicativo**, solidamente enraizada no pensamento de HABERMAS. Nesse sentido e numa abordagem sintética (mais propriamente esquemática... no bom sentido filosófico que nos socorre a *geometria*), o Diagrama apresentado no **Quadro 1**, abaixo, permite visualizar o nexos entre os conceitos, que vimos trabalhando desde a matriz do modelo habermas/parsoniano de comunicação, na perspectiva de uma **síntese epistemológica**.

A estrutura de fala do **agir comunicativo**, típica da comunicação lingüística orientada ao entendimento, deixa-se **conhecer** como uma **relação triádica**, que implica sempre num *falante* [sujeito-ativo], num *ouvinte* [sujeito-passivo] e na mediação de um *proferimento* [mediação], tendo por pano de fundo a sua inserção, como fragmento de realidade, no *mundo da vida* - e, assim também, a sua ressonância no quadro de uma dada *comunidade lingüística*.

Ao mesmo tempo que se articulam, numa mesma estrutura de comunicação, os três pólos da relação triádica do agir comunicativo - falante, ouvinte e proferimento - mantêm, entre si, **relações diádicas** (denotadas pelos lados do triângulo que ocupa o centro do diagrama do agir comunicativo no **Quadro 1**), as quais identificam a funcionalidade da sua interdependência.

⁹ O próprio estatuto conceitual da noção que utilizamos de **interesses epistemológicos**, fomos buscá-lo na reflexão do filósofo: “*Às normas-de-conhecimento nós ‘sempre já’ temos dado nossa anuência, quando nos propomos reconstruí-las racionalmente. Mesmo assim, também elas podem expressar interesses. Tais interesses, orientadores do conhecimento não são, porém, passíveis de uma justificação no sentido de um discurso prático: eles não podem ser reconhecidos como aptos à generalização em uma formação discursiva da vontade mas, tão somente, ser localizados como interesses universais por meio da reconstrução racional das condições inerentes à objetividade possível de experiências. A universalidade dos interesses do conhecimento significa que as condições de reprodução da espécie ou da forma de vida sócio-cultural impõem-se, como tais, nas áreas de objeto. E trata-se de uma base de interesses porque as estratégias cognitivas da produção de um (verdadeiro) saber utilizável técnica, prática e emancipatoriamente se referem a classes gerais de problemas da reprodução da vida, postos de antemão com os elementos constituintes dos sistemas sociais.*” (HABERMAS, 1987, pag. 347)

Quadro 1: Modo de operação da análise hermenêutica e correspondência dos vetores da interpretação hermenêutica (interesses epistemológicos).



Legenda: * Negrito: Categorias utilizadas por Habermas; ** Normal: categorias utilizadas por Parsons; *** Itálico: categorias propostas pelo autor.

Visualiza-se, no DIAGRAMA DO AGIR COMUNICATIVO, a proposição teórica da epistemologia de síntese que formaliza o **Interesse Transcendental do Entendimento** como uma projeção de sentido, que se desloca do falante ao seu proferimento, postulando a perspectiva do sujeito-ativo do agir comunicativo na fronteira dos espaços estruturais da “natureza interna” e da “sociedade” [HABERMAS] - ou seja, nos limites em que se desbordam os espaços correspondentes do “sistema de personalidade” e do “sistema cultural” [PARSONS]. A fundamentação do entendimento constitui-se, portanto, pela auto-transcendência do falante no quadro vivencial e conceitual das estruturas sempre-já-dadas de uma **comunidade lingüística**, onde se valoriza e, assim, se legitima a sua postulação¹⁰.

¹⁰ Para clarificar o conceito habermasiano de **comunidade lingüística**, convém decupá-lo nos seus dois elementos constitutivos: comunidade e língua, ou seja, natureza interna e sociedade. Neste sentido, convém agregar o entendimento e a proposição de APEL (1994), expressa no primeiro capítulo dos “Estudos de Moral Moderna”, a saber. Inicialmente, Apel propõe como título para suas reflexões a seguinte expressão: “A *Comunidade de Comunicação como Pressuposto Trans-*

De outro lado, percebe-se com clareza que **o Interesse da Compreensão Participativa do Discurso** articula o fluxo do entendimento que vai do ouvinte ao falante no processo de comunicação. Nisso, dignifica-se a condição do sujeito-passivo. Embora receptor da informação - e assim visualizado pela teoria vulgar da comunicação, em condição de clara subordinação - o ouvinte é também sujeito. E o fato de sê-lo, simplesmente, erode a visão diádica e maniqueia da razão cientificista. O sujeito, de alguma forma, e daqui por diante, está nos dois pólos do agir comunicativo. Isso que, obviamente, dificulta desde logo a manutenção da própria categoria de sujeito [e do objeto que lhe é correspectivo], como conceitos não-problemáticos na auto-reflexão comunicativa. Os qualificativos de “ativo” e “passivo”, representam justificações *ad hoc*, que não resolvem esse questionamento. O que ressalta à análise é que o “ouvinte” tornou-se, também, agente do processo de comunicação ao perceber-se que sem a sua participação - como capacidade de **compreensão** em todas as implicações deste conceito - não se **realiza** o processo de comunicação. A dialética hegeliana do senhor e do escravo, consubstancia-se aqui, numa versão mais contemporânea da sua universalidade: o falante deve ao ouvinte a sua própria condição no processo de comunicação. A fundamentação do seu discurso, como auto-transcendência de caráter emancipatório, implica a exigência prática da emancipação do seu público ouvinte, caso contrário, incidirá num vazio.

À sua vez, o **Interesse da Reconstrução Teórica do Significado** é uma perspectiva de entendimento que disciplina o fluxo adequado de informação lingüística na relação entre o proferimento e o ouvinte - incide, portanto, mais densamente, nas condições que asseguram a comunicação de estados de coisas entre os sujeitos do processo de comunicação. E nesse processo ocorre, sistematicamente, a apropriação do proferimento pelo ouvinte - como se fora a sua própria reconstrução... que efetivamente acontece. Quando aleatória e irreflexiva, essa apropriação é responsável pelo “ruído na comunicação” e conduz à deterioração da mensagem - em base do princípio da entropia. Quando consciente e refletida na apropriação do proferimento, a reconstrução teórica é garantia de fidelidade no processo de comunicação, e projeta a ressonância da mensagem nas espirais concêntricas do seu potencial latente da sua construção de sentido. Confronta-se aqui a segunda lei da termodinâmica, com o princípio da sinergia. A auto-reflexão comunicativa contradiz a fragmentação do processo cognitivo - e sua gradativa perda de relevância e significado nas aplicações irreflexivas, típicas do empiricismo cientificista - com os incrementos de organização, representados pelo uso performativo da linguagem no processo de comunicação. Sinaliza-se, aqui, um aspecto conseqüente para a dinâmica triádica dos interesses epistemológicos: que a emancipação do sujeito-passivo, na sua dignidade de ouvinte, implica e coexiste com a institucionalização de um quadro conceitual, comum aos dois pólos subjetivos do processo de comunicação e que, assim também, lhes é acreditado, valorizado e partilhado pelo consentimento mútuo.

A postulação-formalizada do saber no escopo de atuação do Interesse da Fundamentação Transcendental do Entendimento, como sua dimensão emancipatória, temos agora condições de associar ao conceito da *théoria* grega; enquanto a socialização-instrumentalizada do saber, alvo do

Transcendental das Ciências Sociais”. Mas, logo em seguida, propõe-se clarificá-la por um título alternativo, no qual o conceito “*comunidade de comunicação*” é decomposto nas suas duas dimensões constitutivas, a saber: “*O jogo de linguagem transcendental da ilimitada comunidade de comunicação como condição de possibilidade das ciências sociais*”. Confirma-se, destarte, a idéia que o conceito de “comunidade lingüística” ou “comunidade de comunicação” compreende e articula dialeticamente as dimensões estruturais correspondente aos âmbitos da realidade denotados: de um lado, pelos conceitos de “natureza interna e sistema de personalidade”, como um agregado humano e respectiva estrutura de motivação; e, de outro, pelos conceitos de “sociedade e sistema cultural”, como a estrutura de linguagem que corresponde à ordenação normativa da respectiva ação social. Assim, também, torna-se possível identificar o *locus* conceitual dessa tensão diádica que preside as relações entre a **comunidade lingüística** e o **mundo da vida**. Como escreve Apel: “... a realização da verdade a priori depende da realização da *ilimitada comunidade de comunicação* na sociedade historicamente dada, isto é, na *sociedade que, em função de sua auto-afirmação física, tem de organizar-se em sistemas funcionais limitados.*” [APEL, 1994: 25]

Interesse da Compreensão Participativa do Discurso, corresponderia ao conceito da *práxis*; e a crítica-sistematizada do saber, ao conceito da *poiésis*. Resgata-se destarte, uma base para a reflexão sobre a dialética triádica desses conceitos que - na teoria da sociedade e na teoria do conhecimento - tornam-se assim universais irrecusáveis, pontos de passagem obrigatórios na auto-reflexão comunicativa.

Explicita-se, assim, a correspondência dos processos funcionais [social e comunicativo], que se articulam sobre idêntica base estrutural, com base na modelagem habermasiana/parsoniana. Crucial na analogia proposta, para os objetivos da nossa investigação, é a caracterização da funcionalidade dos três interesses universais do saber, em bases de sua contribuição recíproca, necessária e indispensável, à construção do entendimento. Nessa perspectiva, o caráter de **emancipação, realização pessoal e transformação** do mundo, emerge privilegiadamente em cada uma dessas dimensões funcionais do processo de comunicação lingüística, embora sua efetiva atualização não prescindida da contribuição das demais.

Assim, apresentados ao entendimento os três **interesses epistemológicos** que emergem à análise, como **pressupostos funcionais do agir comunicativo**, completamos uma primeira circularidade da nossa prática epistemológica. É como discurso, **como proferimento da nossa tese**, ou como um **jogo de linguagem na ilimitada comunidade de comunicação**, que o nosso agir comunicativo ascende ao mundo da forma paradigmática. E, de lá, passamos a influir na articulação das categorias originárias - do **fundamento** e do **objeto** da nossa expressão discursiva - que determinam a existência dessa outra tríade, inversa no seu direcionamento e diferenciada no seu impacto, que constitui o nosso **fazer comunicativo**, que impacta no **mundo da vida**.

1.4 A tríade do fazer comunicativo na semiótica de Peirce e os pressupostos estruturais do entendimento.

A correspondência entre a **teoria do conhecimento** e a **teoria da sociedade**, que orienta nossa investigação, impõe que se explicitem melhor as dimensões estruturais, próprias ao modelo de comunicação habermas/parsoniano [os conceitos de *natureza interna, sociedade e natureza externa*], que vêm a corresponder aos conceitos sociológicos do *sistema de personalidade, do sistema cultural e da base orgânica e física*, onde se projetam os conteúdos simbólicos trabalhados pelos três pressupostos funcionais do nosso **agir comunicativo** [interesses epistemológicos]. Essa exigência remete à expressão concreta de uma segunda categoria, que agora emerge à análise: o conceito dos **campos de atualização do saber**, que preferimos substituir à terminologia utilizada por HABERMAS, para dar conta das **três regiões estruturais**, que constituem o ambiente da interação comunicativa.

A terminologia que propomos unifica a compreensão desses espaços estruturais no conceito de “**campo**” - permitindo que, ademais, se designem complementarmente as suas especificidades. Figura-se assim, claramente, a noção de que se trata de três dimensões estruturais do saber, onde se desvela a dialética triádica do agir e do fazer comunicativos.

Na sua particularidade, pode-se visualizar o significado inerente a cada um dos três campos de atualização do saber, que assim emergem nos contornos de nossa primeira reflexão, como:

- a sala de aula onde se desenvolveu a prática epistemológica, em que professor e alunos estruturaram o conceito do entendimento e apreenderam o seu significado como auto-reflexão comunicativa [**CAMPO DA REALIZAÇÃO PRÁTICA DO SABER**];

- a comunidade acadêmica, em cujo seio se desenvolvem a justificação e a conseqüência dessa mesma prática, capazes de assegurar sentido ao seu próprio movimento e universalidade à sua pretensão de saber [**CAMPO DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO SABER**];
- e o contexto paradigmático da epistemologia contemporânea, em que se pretende inserir esta análise, confrontando o seu potencial explicativo e seu impacto argumentativo sobre os paradigmas anteriores – enquanto, e talvez apenas como, alternativa da cosmovisão científica dominante [**CAMPO DA ESTRUTURAÇÃO TEÓRICA DO SABER**].

Tais **campos de atualização do saber** constituem pressupostos estruturais, desde logo correspectivos das exigências funcionais dos interesses epistemológicos no agir comunicativo, onde estas impactam privilegiadamente. A **Tabela 4**, a seguir, formaliza essa conexão teórica, que vimos trabalhando ao longo deste texto, entre os conceitos da teoria da sociedade [PARSONS], do modelo de comunicação lingüística [HABERMAS] e da epistemologia de síntese.

Tabela 4 - Correspondências conceituais da comunicação lingüística e da teoria da sociedade na ótica da epistemologia de síntese.

Enquadramento estrutural do processo da comunicação lingüística			Enquadramento funcional do modelo de comunicação lingüística		
PARSONS	HABERMAS	AYDOS	PARSONS	HABERMAS	AYDOS
Sistema cultural	Sociedade	Campo da Estruturação Teórica do Saber	Legitimação	Expressão de vivências subjetivas	Interesse Transcendental do Entendimento [<i>théoria</i>]
Sistema de personalidade	Natureza interna	Campo da Fundamentação Transcendental do Saber	Socialização	Estabelecimento de relações interpessoais	Interesse da Compreensão Participativa do Saber [<i>práxis</i>]
Base orgânica e física	Natureza externa	Campo da Realização Prática do Saber	Instrumentação	Expressão de estados de coisas	Interesse da Reconstrução Teórica do Significado [<i>poiésis</i>]

Não se deve esquecer, ao figurar, assim, a correspondência conceitual das tríades, que expressam as condições estruturais-funcionais do ambiente, sobre que desborda o processo da comunicação lingüística, que este mesmo se constitui numa estrutura superposta, em espaço próprio, onde se desenvolve a dinâmica específica de uma outra complementaridade estrutural-funcional, na dialética triádica do agir e do fazer comunicativos. Como a perspectiva do **agir comunicativo** já foi explorada, na sua articulação teórica com os **interesses epistemológicos**, resta agora detalhar como as categorias do **fazer comunicativo** permitem visualizar o desbordamento do processo de comunicação lingüística nos três **campos de atualização do saber**.

O referencial da **concepção triádica do signo**, tal como a elaborou a semiótica de PEIRCE [1977], é o pano de fundo da análise que passamos a empreender. Trata-se agora, de clarificar a

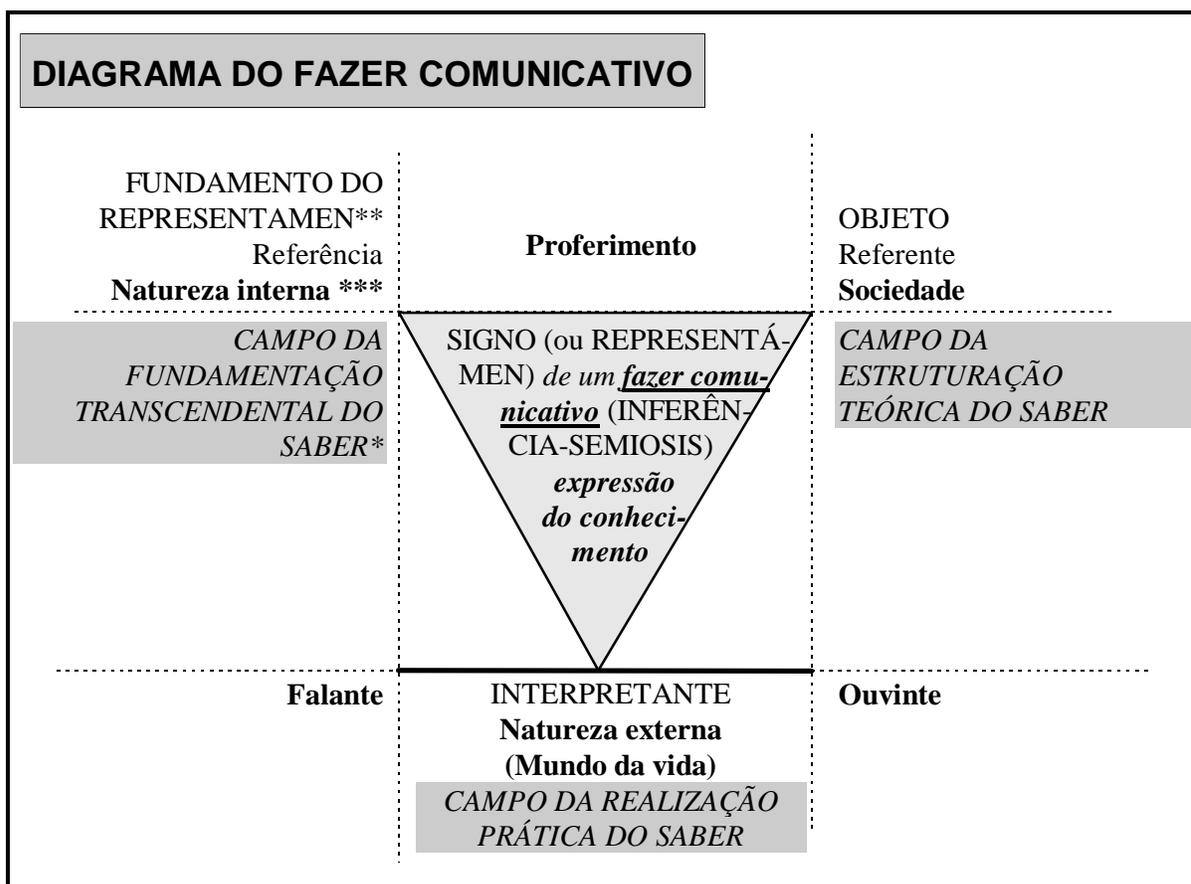
dissociação do “signo-representámen” - que expressa a totalidade sintética de uma figuração simbólica - face aos componentes da semiosis, enquanto uma relação triádica, aqui visualizada nos conceitos peirceanos¹¹:

- a) numa primeira instância, do **fundamento do representámen**, como o aspecto ou idéia do objeto, que articula a sua representação no signo [sede das operações formais da “abdução” - também denominada “retrodução”];
- b) numa segunda instância do **objeto**, dito mediato - para distingui-lo do objeto imediato, fora do signo, ou seja, para distingui-lo da coisa-em-si - eis que se constitui, propriamente, no enquadramento da coisa pela estrutura da linguagem, a qual se deixa clarificar pelo sentido, idéia ou aspecto que o seu fundamento articula [sede das operações formais da “indução”];
- c) numa terceira instância do **interpretante**, que é uma projeção-apreensão da representação sígnica num espaço de intersubjetividade [sede das operações formais da “dedução”].

O **Quadro 2**, a seguir, apresenta a figuração geométrica desses conceitos e da sua correspondência com os três âmbitos da realidade, compreendidos, na ótica da epistemologia de síntese, pelo conceito dos Campos de Atualização do Saber.

¹¹ Na clarificação destes conceitos figurados no **Quadro 2**, é ilustrativo o texto de PEIRCE [1977], que dá conta da estrutura triádica da representação simbólica: “Um signo, ou representámen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei fundamento do representámen.” [PEIRCE, 1977, PAG. 46].

Quadro 2: Concepção triádica do signo de PIERCE e sua correspondência aos campos de atualização da prática epistemológica.



Legenda: * **Itálico:** conceitos propostos pelo autor; ** **Normal:** conceitos elaborados por PIERCE [1977]; *** **Negrito:** conceitos elaborados por HABERMAS [1993].

Interesses epistemológicos e **campos de atualização do saber**, assim conceituados e figurados, constituem os pressupostos funcionais e o ambiente estrutural da experiência educacional [**agir comunicativo**], aqui relatada pelo conteúdo de sua auto-reflexão comunicativa e aprofundada num esforço discursivo de elaboração epistemológica [**fazer comunicativo**]. Dessa forma, na convergência da hermenêutica de Habermas e da semiótica de Peirce, abre-se um espaço para a conceituação de uma **epistemologia de síntese**, como uma proposta paradigmática para a teoria do conhecimento.

Visualizada na sua figuração geométrica, a **epistemologia de síntese** apresenta-se como uma abordagem totalizante (**holista**) do processo do entendimento. O diagrama sintético do **Quadro 3** permite visualizar com clareza a função que desempenham os **interesses epistemológicos**, como vetores que sinalizam as linhas de impacto do **agir comunicativo** [entendimento], sobre os campos do respectivo **fazer** [conhecimento], ou seja, sobre o ambiente estrutural do respectivo sistema de interações. Como vetores da auto-reflexão comunicativa, os interesses epistemológicos permitem, assim, uma clara e meridiana delimitação dos espaços estruturais, denotados pelo conceito dos **campos de atualização do saber**.

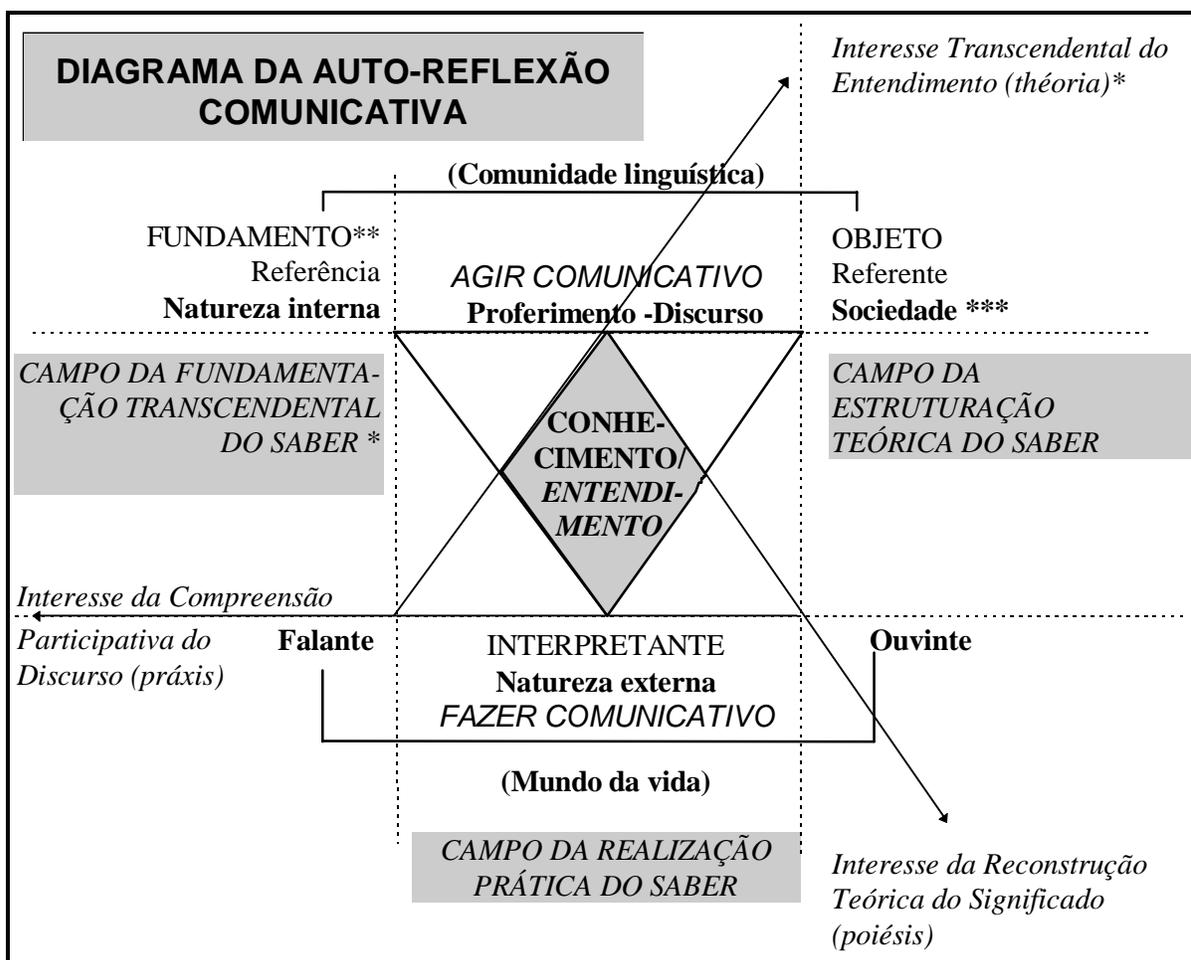
Efetivamos, neste ponto da análise, a realização da segunda circularidade triádica no processo de comunicação lingüística. Desde logo, já sinalizáramos uma primeira circularidade ao perceber que é **no proferimento**, por sua repercussão nos sistemas de personalidade e cultural [na natureza interna e na sociedade], que **o agir comunicativo ascende ao mundo da forma** [da ilimitada comunidade de comunicação] - de onde se projetará novamente ao **mundo da vida** [“natureza externa”] na tríade do **fazer comunicativo**.

Chegamos ao termo da segunda circularidade triádica ao perceber que é, na sua cristalização **como signo interpretante**, propiciando as condições estruturais necessárias para a interação de ouvinte e falante, que esse fazer comunicativo assegura o movimento triádico de um correspectivo **agir comunicativo**. Há **mudança de qualidade** nessa dialética triádica: de um lado, o agir comunicativo, ao enunciar-se em proferimento, ganha **poder de expressão** para significar-se na ilimitada comunidade de comunicação, e cobrar dela dimensão própria do seu fazer comunicativo; de outro lado, este fazer comunicativo, em seu movimento de transuasão, ao cristalizar-se de volta no mundo da vida, como uma estrutura interpretante, ganha **capacidade de realização**, para (re)atualizar-se na dimensão própria do seu agir comunicativo.

Aqui chegados, a **epistemologia de síntese elaborou o seu esquema teórico**. A partir de agora, esse mesmo modelo de comunicação lingüística, expressão do nosso **fazer comunicativo**, como estrutura **interpretante**, torna-se elemento constitutivo de uma nova dimensão do nosso **agir comunicativo**: estrutura de fala, na interação pedagógica, que se projeta para além deste texto, no diálogo que se estabelece entre o autor e os diferentes públicos, que se integram nesse esforço de auto-reflexão comunicativa.

Torna-se possível, também, a partir deste momento, explicitar-se num **Diagrama sintético da auto-reflexão comunicativa (Quadro 3)**, não apenas a imbricação dialética das tríades categoriais de HABERMAS e PEIRCE, como, também, identificar o *locus* onde se realiza a sua efetiva manifestação, seja como **FAZER COMUNICATIVO** - em forma de um proferimento, que se institucionaliza; seja como **AGIR COMUNICATIVO** - no impacto de uma estrutura interpretante, que viabiliza a interação dos sujeitos do processo de comunicação lingüística.

Quadro 3: Topologia da verdade na epistemologia de síntese



Legenda: * **Itálico:** conceitos propostos pelo autor; ** **Normal:** conceitos elaborados por PIERCE; *** **Negrito:** conceitos elaborados por HABERMAS.

1.5 Princípios e arquétipos: uma tensão diádica na imbricação dos interesses epistemológicos com os campos de atualização do saber.

É coerente com o esquema de análise que estamos desenvolvendo, e com os objetivos de nossa auto-reflexão comunicativa, que nos aprofundemos sobre o significado desses conceitos: de **interesse epistemológico** e **campos de atualização do saber**.

A figuração geométrica, adotada no diagrama sintético, abre um horizonte de especulação heurística, tornando possível avançar a análise sobre as relações de fronteira que os interesses epistemológicos delimitam entre os pares de regiões estruturais do seu ambiente de comunicação.

No diagrama do **Quadro 3**, cada interesse epistemológico é figurado por uma seta, que delimita o espaço estrutural de dois campos de atualização do saber. Em cada margem dessas demarcações fronteiriças, desborda-se um significado específico da relação entre o agir e o fazer comunicativos, que é relevante clarificar.

Na perspectiva do **fazer comunicativo**, os campos de atualização do saber determinam as condições funcionais dos interesses epistemológicos, mediante sua configuração como **ARQUÉTIPOS** (modos de ser primordiais, que determinam as possibilidades do conhecimento, pelas suas implicações lógicas derivadas ou sistêmicas), os quais viabilizam, pela sua racionalidade intrínseca, a epistemologia de síntese.¹²

Na perspectiva do **agir comunicativo**, os interesses epistemológicos impactam nos campos de atualização do saber, pela clarificação dos **PRINCÍPIOS** (causas primeiras ou teleologias do ser, que sob a forma da vontade ou desejo de saber, direcionam a efetividade e os impactos do entendimento no mundo da vida), os quais fundamentam, na sua perspectiva emancipatória, a hermenêutica do signo.¹³

Temos, assim, construída uma concepção do processo de comunicação lingüística que, além de ser coerente com o reconhecimento de uma base inata da **razão**, suscetível de orientar o entendimento/conhecimento, assegura a sua compatibilização com o conceito da **reflexão**, que resgata o conteúdo emancipatório do processo de comunicação lingüística. No nível de sua compreensão totalizante, que emerge em nossa visualização da epistemologia de síntese, essa concepção avança as fronteiras dos paradigmas reconhecidos pelo cientificismo dominante e pelas teorias críticas que o têm abalado. Nem por isso deixa de lançar as suas raízes no estado da arte do debate epistemológico contemporâneo.

No plano filosófico, essa construção teórica foi empreendida por HABERMAS, a partir de fundamentos encontrados em KANT e FICHTE, e de sua identificação, como auto-reflexão da ciência, no caminho percorrido por DILTHEY e PEIRCE: *“As coisas por certo se apresentam da seguinte maneira: a categoria do interesse, suscetível de orientar o conhecimento, é chancelada pelo interesse inato à razão. Interesse cognitivo técnico e prático só podem ser entendidos isentos de ambigüidade - isto é, sem decaírem ao nível de uma psicologização ou reavivarem os critérios de um novo objetivismo - como interesse orientador do conhecimento em base de sua conexão com o interesse emancipatório do conhecimento da reflexão racional. Pelo fato de Peirce e Dilthey não entenderem sua metodologia como a auto-reflexão da ciência, que ela na verdade é, eles não atingem o ponto de intersecção entre conhecimento e interesse. O conceito do interesse da razão já irrompe na filosofia transcendental de Kant, mas somente Fichte pode, após haver subordinado a razão teórica à prática, desdobrar o conceito no sentido de um interesse emancipatório, inerente como tal à razão em ação.”*[HABERMAS, 1987: 219]

¹² O conceito de “arquétipo” aqui adotado é congruente com o conceito de “interesse orientador do conhecimento” em HABERMAS: *“Interesses capazes de orientar o saber (o que não posso ainda demonstrar aqui, mas apenas asseverar) mediatizam a história natural com base na lógica do seu processo formativo; mas esses interesses não podem ser invocados para reduzir a lógica a alguma base natural. Chamo de interesses as orientações básicas que aderem a certas condições fundamentais da reprodução e da autoconstituição possíveis da espécie humana: trabalho e interação. É por isso que cada uma destas orientações fundamentais não visam à satisfação de necessidades empíricas e imediatas, mas à solução de problemas sistêmicos propriamente ditos.”*[1987: 217]

¹³ O conceito de “princípio” aqui adotado é congruente com o conceito de “interesse emancipatório do conhecimento” em HABERMAS: *“Penso aqui na experiência da força emancipatória da reflexão, que experimenta em si o sujeito na medida em que ela própria se torna, a si mesma, transparente na história de sua gênese. A experiência da reflexão articula-se, em termos de conteúdo, no conceito do processo formativo; metodicamente ela leva um ponto de vista a partir do qual a identidade da razão com a vontade resulta como que espontaneamente. Na auto-reflexão um conhecimento entendido como fim em si mesmo chega a coincidir, por força do próprio conhecimento, com o interesse emancipatório; pois o ato-de-executar da reflexão sabe-se, simultaneamente, como movimento de emancipação. Razão encontra-se, ao mesmo tempo, submetida ao interesse por ela mesma. Podemos dizer que ele persegue um interesse emancipatório do conhecimento e que este tem por objetivo a realização da reflexão.”* [1987:219]

A tese central de HABERMAS - que o acesso ao conhecimento é movido por interesses [aqui denominados **interesses epistemológicos**], e que se há de distinguir entre a manifestação do interesse que orienta ou delimita o conhecimento [aqui denominado **arquétipo**, em base de sua responsabilidade à estrutura-sempre-já-dada] e o interesse emancipatório da reflexão racional [aqui denominado **princípio**] - é acolhida na **epistemologia de síntese**. O que lhe acrescentamos é uma tentativa de demonstração - que o filósofo não empreendeu - da operacionalidade desses conceitos e da amplitude que alcançam, na explicitação sistemática das suas implicações num modelo paradigmático de comunicação lingüística, que estabelece a ponte necessária entre a teoria da sociedade e a teoria do conhecimento. E, por hipótese, assumimos que o vetor de cada interesse epistemológico transaciona alternativamente - ou como **princípio**, ou como **arquétipo** - relações significativas nos campos de atualização do saber que lhes são fronteiriços.

Postula, assim, a epistemologia de síntese, que cada interesse epistemológico aporta um **princípio** [como sua orientação teleológica] e se conforma a um **arquétipo** [como sua determinação lógica derivada]. Uma analogia com a teoria da sociedade permite explicitar o alcance dessa articulação conceitual. Em toda estrutura social se expressa uma **finalidade** e se determinam as **condições eficazes** da sua realização. Por exemplo, na administração da Justiça, aos Direitos e Deveres da cidadania, enquanto PRINCÍPIOS, corresponde a Constituição e a Lei, como os ARQUÉTIPOS da sua concretização.

Assim compreendida, a articulação sistêmica dos interesses epistemológicos e campos de atualização do saber sugere um desenvolvimento adicional da análise, mediante a **identificação e justificação dos respectivos princípios e arquétipos**, no diagrama sintético da epistemologia de síntese. Por suposto de nosso enfoque analítico, onde a articulação do processo de comunicação lingüística é significativamente enraizado na teoria da sociedade, **essa disposição não é aleatória**, mas guarda correspondência com o conteúdo simbólico da divisão tripartite do signo. [Uma alternativa hipotética para esta configuração de significados segue exposta - **Tabela 5.**]

Tabela 5 - Modelo das correspondências estruturais-funcionais da epistemologia de síntese na convergência do pensamento de HABERMAS/PARSONS e PEIRCE

Interesses epistemológicos Âmbitos da realidade	Interesse da Compreensão Participativa do Discurso	Interesse Transcendental do Entendimento	Interesse da Reconstrução Teórica do Significado
Campo da Realização Prática do Saber	PRINCÍPIO: SABEDORIA		ARQUÉTIPO: MÉTODO
Campo da Fundamentação Transcendental do Saber	ARQUÉTIPO: CONSCIÊNCIA	PRINCÍPIO: RAZÃO	
Campo da Estruturação Teórica do Saber		ARQUÉTIPO: PARADIGMA	PRINCÍPIO: CRÍTICA

De acordo com a configuração proposta pela **Tabela 5**, o **Interesse da Compreensão Participativa do Discurso**, tem o seu alcance delimitado pelo nível de **consciência** dos sujeitos no processo da comunicação lingüística. A **consciência** constitui-se num **arquétipo** dessa função comuni-

cativa - uma determinação do estágio de desenvolvimento cognitivo dos sujeitos da comunicação no **Campo de Fundamentação Transcendental do Saber**. Ao mesmo tempo, essa função comunicativa impacta no **Campo da Realização Prática do Saber**, pelo princípio da sabedoria, que desvela o seu potencial emancipatório.

O **Interesse Transcendental do Entendimento** é determinado pelos contornos de um paradigma [proposto ou aceito], que delimita o seu campo de validade. O paradigma constitui-se num arquétipo que estabelece, no **Campo da Reconstrução Teórica do Significado**, as condições para a apreciação e valoração do proferimento dos sujeitos no processo da comunicação lingüística. Ao mesmo tempo, essa função comunicativa impacta no **Campo da Fundamentação Transcendental do Saber** pelo princípio da razão, que explora, constantemente, a consistência dos respectivos conteúdos paradigmáticos.

Finalmente, o **Interesse da Reconstrução Teórica do Significado** é determinado pelas exigências do método, que emerge, como um arquétipo, das condições técnicas de aplicação do conhecimento desenvolvidas no **Campo da Realização Prática do Saber**. Por sua vez, essa função comunicativa impacta no **Campo da Estruturação Teórica do Saber**, pelo princípio da crítica, que explora a potencialidade do insignificante, da anomalia e das insuficiências lógico-sistemáticas, no quadro das explicações teóricas aceitas.

A dialética triádica aqui esboçada permite avançar a nossa reflexão até a construção de um modelo mais elaborado da comunicação lingüística, incorporando a ele as categorias dos “arquétipos” e “princípios” acima explicitadas. Dois movimentos analíticos clarificam essa inclusão: primeiramente, pela identificação dos componentes sgnicos da sua própria definição, desencadearemos um esboço da constelação de subtriades, que integram o significado do entrelaçamento conceitual de “princípios” e “arquétipos” no modelo de comunicação lingüística; a seguir, associaremos à função específica de cada uma dessas subtriades, a identificação de uma divisão funcional do saber, que tenha por objeto de estudo a sua problemática [Tabela 6].

Tabela 6 - Subtríades de “arquétipos” e “princípios” que integram o modelo paradigmático da epistemologia de síntese e respectiva correspondência na divisão funcional do saber.

INTERESSES EPISTEMOLÓGICOS	PRINCÍPIOS E ARQUÉTIPOS	ORIGINALIDADE/PRI-MEIRIDADE	TRANSUA-SÃO/TER-CEIRIDADE	OBSISTÊN-CIA/SECUN-DIDADE	DIVISÃO DO CONHECIMENT O
INTERESSE TRANSCEN-DENTAL DO ENTENDIME NTO	RAZÃO	PARCIALI-ZAÇÃO	JUSTIFICA-ÇÃO	ADJUDICA-ÇÃO	SEMIÓTICA TRANSCEN-DENTAL
	PARADIG-MA	CONSEN-SUALIZA-ÇÃO	FORMALI-ZAÇÃO	INSTITU-CIONALIZA-ÇÃO	EPISTEMOLO-GIA DE SÍNTE-SE
INTERESSE DA RECONS-TRUÇÃO TEÓRICA DO SIGNIFICAD O	CRÍTICA	SUSPEI-ÇÃO (AS-TÚCIA DA FÉ)	RESTAU-RAÇÃO	RECOLHI-MENTO DO SENTIDO	HERMENÊUTI-CA
	MÉTODO	DEMONS-TRAÇÃO	CORROBO-RAÇÃO	OBSERVA-ÇÃO	HEURÍSTICA
INTERESSE DA COMPRE-ENSÃO PARTICIPATI VA DO SABER	SABEDORI A PRÁTICA	TOTALIZA-ÇÃO	INTERNALI-ZAÇÃO	REFLEXÃO	ÉTICA
	CONSCIÊN-CIA	EMPATIA	POSTULA-ÇÃO	CONVIC-ÇÃO	POLÍTICA

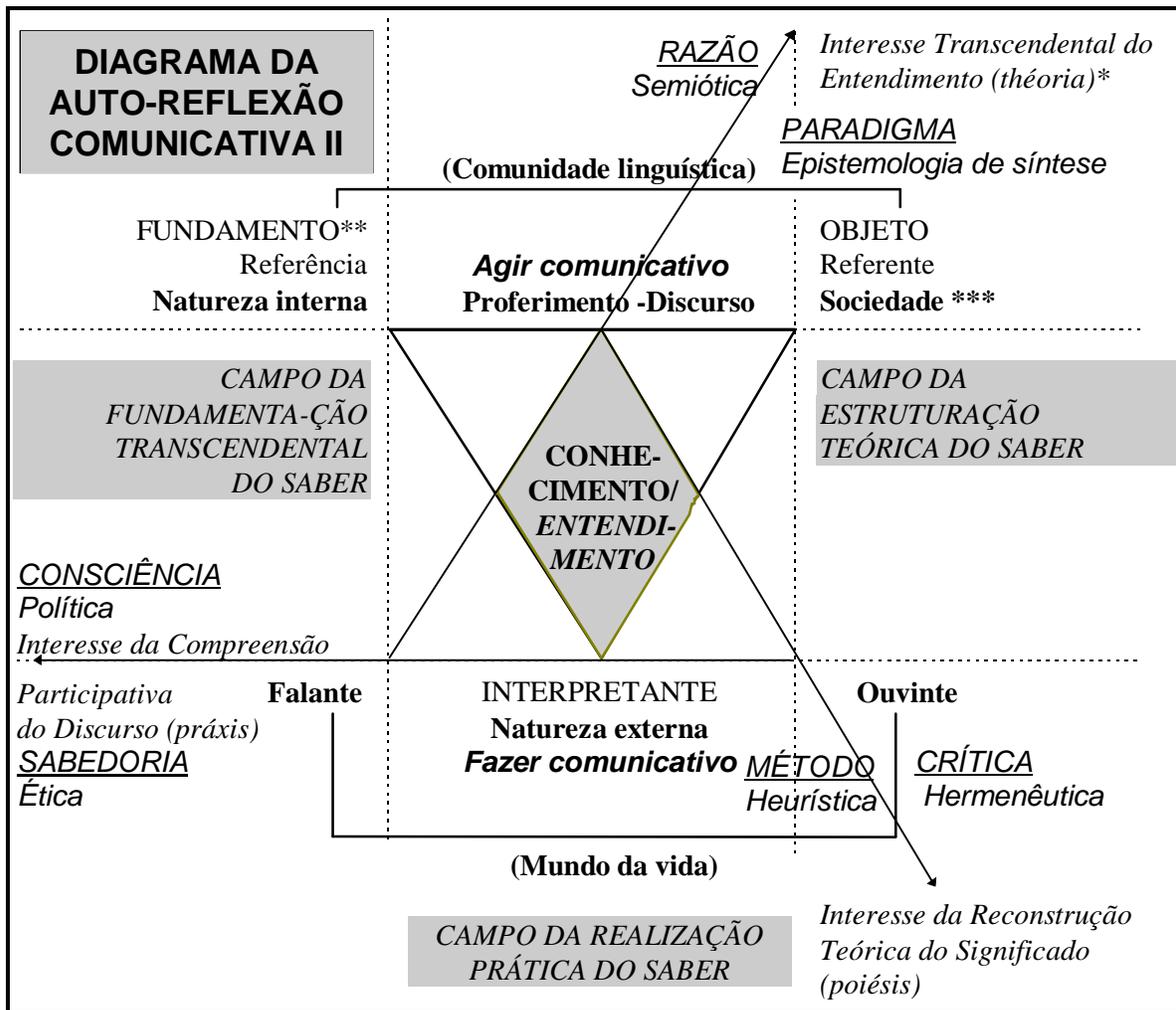
A explicitação dos conteúdos da **Tabela 6**, supra, nos limites deste texto, será trabalhada em plano definicional:

- **RAZÃO**: aqui, refere à medida da justa participação de cada um dos respectivos sujeitos no processo de comunicação lingüística. Daí porque sua característica **parcializante**, seu caráter **adjudicatório** e sua expectativa de **justificação**. Essa definição remonta ao conceito de “racionalidade” - cuja raiz etimológica é uma combinação de *ratio* + *annalis*. Análise da fração, ou seja, análise da parte, que a cada um cabe desvelar na totalidade do real, ou seja, da parcela da verdade que lhe é acessível. Daí porque essa parte deva ser “adjudicada” - ou seja reivindicada e atribuída com autoridade - e, afinal, porque também deva ser justificada. Não se trata, portanto, de um mero fracionamento da realidade, a fim de torná-la mais facilmente apreensível. Trata-se, sim, de um partilhamento seguido de efetiva apropriação do real, cujo impacto, obviamente, afeta o *status quo ante* dos sujeitos de comunicação. É o objeto de trabalho, na concepção triádica do signo que trata a **Semiótica Transcendental**.
- **PARADIGMA**: aqui, segue a definição trabalhada por KUHN [1975] como um conjunto de compromissos aceitos e valores partilhados pela comunidade científica de uma determinada época. Esses compromissos e valores são **consensualizados** em arcabouços teóricos ou regras de conduta, que se **institucionalizam** na academia e determinam, como **construtos formais**, os processos da pesquisa e desenvolvimento científicos. É o objeto do nosso fazer comunicativo na **Epistemologia de Síntese**.

- **CRÍTICA**: aqui, refere primariamente à *fé racional* [RICOEUR, 1977], que busca a *segunda ingenuidade* da interpretação num modo de suspeição - melhor dito, na astúcia da razão - que submete à prova um determinado enunciado; na sua esteira, é complementar a liberdade de deci-fração da realidade - ou do recolhimento de sentido, pela sua coerência ou inconsistência no interior de um paradigma, e a conseqüente possibilidade de restauração ou reconstrução do significado [até como refundição ou revolução da respectiva construção teórica]. Tem sido, nas ciências sociais, o objeto de trabalho da Interpretação Hermenêutica.
- **MÉTODO**: aqui, designa uma capacidade instrumental de observação [como investigação ou replicação de uma investigação] da adequação de um enunciado sobre da realidade, visando ao demonstração [até como reprodução] da sua implicação teórica no âmbito da comunidade científica, em bases que assegurem a sua efetiva corroboração. É o objeto de trabalho tradicional da metodologia científica, mais contemporaneamente abarcada e amplificada no conceito e na disciplina da Heurística.
- **SABEDORIA PRÁTICA**: aqui, mantém o conceito aristotélico da *phrónesis*, como um saber reflexivo, que se volta sobre si mesmo, examinando os próprios preconceitos, erros e omissões; que, assim sucede incorporar-se, de alguma forma, em caráter permanente, internalizado, à própria personalidade dos seus sujeitos, expressando mais do que simples informações, convicções e compromissos práticos; e que, exatamente por isso, é também um saber mediatizado por regras de conduta, que não estão previamente delimitadas a esse ou aquele objetivo ou domínio do saber, mas configuram um afrontamento totalizante do real. Desde Aristóteles é o objeto de estudo da Ética.
- **CONSCIÊNCIA**: aqui, envolve a capacidade de perceber-se nos outros, na empatia de uma experiência solidária de vida; do que resulta, também, a convicção de uma razão de ser e a capacidade de sua postulação à decisão racional, retomando-se, no seu ponto de partida, o processo da comunicação. Constitui, também, desde a sua matriz na Grécia clássica, privilegiadamente, o objeto de estudo da Política.

A topologia desses conceitos, complementares à noção dos interesses epistemológicos, no Diagrama que vimos elaborando, orienta a apreensão totalizante do seu significado, no modelo paradigmático da epistemologia de síntese.

Quadro 4: Topologia da verdade, na epistemologia de síntese, com a sinalização das categorias dos “arquétipos” e “princípios” e suas correspondências na divisão funcional do saber.



Legenda: * **Itálico:** conceitos propostos pelo autor; ** **Normal:** conceitos elaborados por PIERCE; *** **Negrito:** conceitos elaborados por HABERMAS.

Nessa configuração do Modelo de Comunicação Lingüística da Epistemologia de Síntese, atingimos o limiar de uma compreensão dos conceitos e das divisões do saber, que se articulam numa visão totalizante do acesso ao **entendimento**. Delineamos o espaço de propriedades de uma **topologia da Verdade**, que se descortina, a partir de agora, à investigação. E identificamos o **nível superior** da sua articulação teórica na imbricação das disciplinas, que integram uma **divisão funcional do saber**, articulando-se nos vetores de acesso à dialética triádica e integrando, de forma necessária, indissociável e irreduzível, a **auto-reflexão comunicativa do Saber**.

Resta agora, num movimento inverso, **descer à planície do senso cotidiano da vida**, e clarificar no MODELO DE COMUNICAÇÃO LINGÜÍSTICA DA EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE, a **divisão estrutural do saber**, que erige os saberes parcelares da FILOSOFIA, ARTE, RELIGIÃO E DA CIÊNCIA, como os pilares de sustentação da auto-reflexão comunicativa. Trata-se, portanto, agora de definir o **estatuto e o respectivo locus dos saberes**, no paradigma da epistemologia de síntese.

1.6 Pretensões de validade do agir e do fazer comunicativos - as quatro expressões da racionalidade e a emergência das quatro manifestações estruturais do saber: filosofia, arte, religião e ciência

Na seqüência de nossa investigação, há que se retirarem as implicações todas do que integra o conceito central ao modelo habermas/parsoniano da comunicação lingüística: o *locus* linguagem e do agir comunicativo, como **estrutura de fala, orientada ao entendimento**. Há que se retirarem as implicações todas, também, do que integra o conceito central à concepção triádica do signo: o *locus*, do *representámen* e do fazer comunicativo, como **estrutura de discurso, expressão simbólica do estado atual do conhecimento**.

No enfrentamento dessa pretensão, há que romper-se, agora, com a linearidade da correspondência, que nos propunha o esboço analítico do modelo habermas/parsoniano de comunicação [ref: **Tabela 1**, no início deste texto]. De fato, a correspondência que se estabeleceu entre as categorias que o filósofo confronta [*Ámbitos de realidad*; *Forma fenomênica de las referências a la realidad*; *Pretensiones de validez implícitas*; e *Funciones generales del acto de habla*], sem prejuízo de sua fecundidade heurística, induz a um desvio de interpretação que é necessário precaver.

Há uma distinção clara que permeia a horizontalidade e a verticalidade das categorias trabalhadas por HABERMAS. De um lado, a categoria dos *ámbitos de realidad* integra o modelo da comunicação enquanto **condição estrutural** do sistema de interação - sendo os conceitos correspondentes, por assim dizer, exteriores à linguagem enquanto agir ou fazer comunicativo. De outro lado, a *forma fenomênica de las referências a la realidad*, as *pretensiones de validez implícitas* e as *funciones generales del acto de habla*, por sua vez, constituem **categorias próprias da comunicação lingüística** enquanto tal - ou seja, **do agir e do fazer comunicativos** na perspectiva da sua fundamentação intrínseca.

Em base dessa reflexão, o desvio de interpretação que precisamos precaver é uma dissociação, que o esboço analítico do Modelo de Comunicação Lingüística habermas/parsoniano sugere: entre o conceito de linguagem [como expressão simbólica do agir e do fazer comunicativos] e as diferentes manifestações de sua forma fenomênica e das suas pretensões de validez. Isso, que se reflete nas funções que as mesmas desempenham no processo de comunicação, bem como no seu estatuto e respectivo *locus* no modelo paradigmático da epistemologia de síntese

Essa dificuldade já é denotada pelo fato de HABERMAS, na coluna das *funciones generales de los actos de habla*, não contemplar uma categoria conceitual específica, correspondente ao conceito de linguagem. É que, como manifestação simbólica do agir e do fazer comunicativos, a linguagem, integra substancialmente - no nível superior de uma topologia da Verdade - todas as suas pretensões comuns de validez e as suas diferenciadas expressões fenomênicas e funcionais.

A **Tabela 7** a seguir, reelaborada a partir do modelo de comunicação lingüística de HABERMAS [1993:368], clarifica as implicações mútuas de significado, entre as **polaridades fenomênicas do agir e do fazer comunicativos**, mediadas pela estrutura da linguagem.

Tabela 7- Implicações do agir e do fazer comunicativos na estrutura da linguagem.

<i>Forma fenomênica de las referências a la realidad no <u>agir comunicativo</u>*</i>	<i>Pretensiones de validez implícitas na categoria da linguagem [estrutura de fala e estrutura de discurso]</i>	<i>Funciones generales da linguagem [del acto de habla e do discurso]</i>	<i>Forma fenomênica das referências à realidade no <u>fazer comunicativo</u></i>
<i>OBJECTIVIDAD</i>	<i>Verdad</i>	<i>Exposición de estados de cosas</i>	CIÊNCIA
<i>NORMATIVIDAD</i>	<i>Rectitud</i>	<i>Establecimiento de relaciones interpersonales</i>	RELIGIÃO
<i>SUBJETIVIDAD</i>	<i>Veracidad</i>	<i>Expresión de vivencias subjetivas</i>	ARTE
<i>INTERSUBJETIVIDAD</i>	<i>Inteligibilidad</i>	Fundamentação transcendental do saber	FILOSOFIA

* **Legenda:** Itálico - categorias elaboradas por HABERMAS; **Negrito** - categorias propostas pelo autor.

Trabalhando essa versão complementada do modelo de comunicação habermas/parsonianano, verifica-se que as mesmas **pretensões de validez** e **funções gerais da linguagem**, invocadas pelo filósofo, para a justificação das diferentes manifestações do agir comunicativo, podem ser aplicadas, também, à justificação da expressão fenomênica do fazer comunicativo, ou seja, nas **manifestações simbólicas** do seu respectivo conteúdo objetual.

Objetividade e ciência, normatividade e religião, subjetividade e arte, e intersubjetividade e filosofia, expressam, assim, a diferença e a complementaridade das manifestações fenomênicas da linguagem, enquanto RACIONALIDADE [condição axiomática da referência à realidade no agir comunicativo] e enquanto SABER [condição estrutural da referência à realidade no fazer comunicativo]. Resta agora compatibilizar-se esse desenvolvimento teórico na formalização do modelo paradigmático da epistemologia de síntese. [Uma primeira sistematização vai proposta na figuração diagramática do **Quadro 5**, a seguir.]

Quadro 5: Diagrama da *quaternidade* das manifestações do agir e do fazer comunicativos.

<p>FUNDAMENTO Natureza interna</p>	<p>Pretensão de validez: VERACIDADE. Formas fenomênicas: do <i>agir comunicativo</i> - SUBJETIVIDADE do <i>fazer comunicativo</i> - ARTE. Proferimento</p>	<p>OBJETO Sociedade</p>
<p>Pretensão de validez: INTELIGIBILIDADE. Formas fenomênicas do: <i>agir comunicativo</i> - INTERSUBJETIVIDADE <i>fazer comunicativo</i> - FILOSOFIA</p>	<p>Fazer comunicativo Estrutura do discurso - manifestação lingüística expressiva do conhecimento. + Agir comunicativo Estrutura de fala - comunicação lingüística orientada ao entendimento.</p>	<p>Pretensão de validez: RETIDÃO. Formas fenomênicas do: <i>agir comunicativo</i> - NORMATIVIDADE <i>fazer comunicativo</i> - RELIGIÃO</p>
<p>Falante</p>	<p>INTERPRETANTE Mundo da Vida Pretensão de validez: VERDADE. Formas fenomênicas do: <i>agir comunicativo</i> - OBJETIVIDADE <i>fazer comunicativo</i> - CIÊNCIA</p>	<p>Ouvinte</p>

Trata-se, agora, de compreender as razões pelas quais, na tríade sîgnica, se origina uma **sêxtupla Divisão Funcional do Saber** [conformando as disciplinas da Semiótica Transcendental, Epistemologia de Síntese, Hemenêutica, Heurística, Ética e Política], cuja articulação compreende, genericamente, um modelo da comunicação lingüística capaz de formalizar as condições de operação do conceito habermasiano do *agir comunicativo em situação ideal de fala* - ou seja, do **entendimento**. Trata-se de explicitar, também, as razões pelas quais se deriva, das interações entre os elementos constitutivos do núcleo sîgnico da do processo de comunicação, uma **quádrupla Divisão Estrutural do Saber**, compreendendo os domínios da Filosofia, Arte, Religião e Ciência, cuja manifestação e complementaridade formalizam as condições para a validação do fazer comunicativo enquanto **conhecimento**.

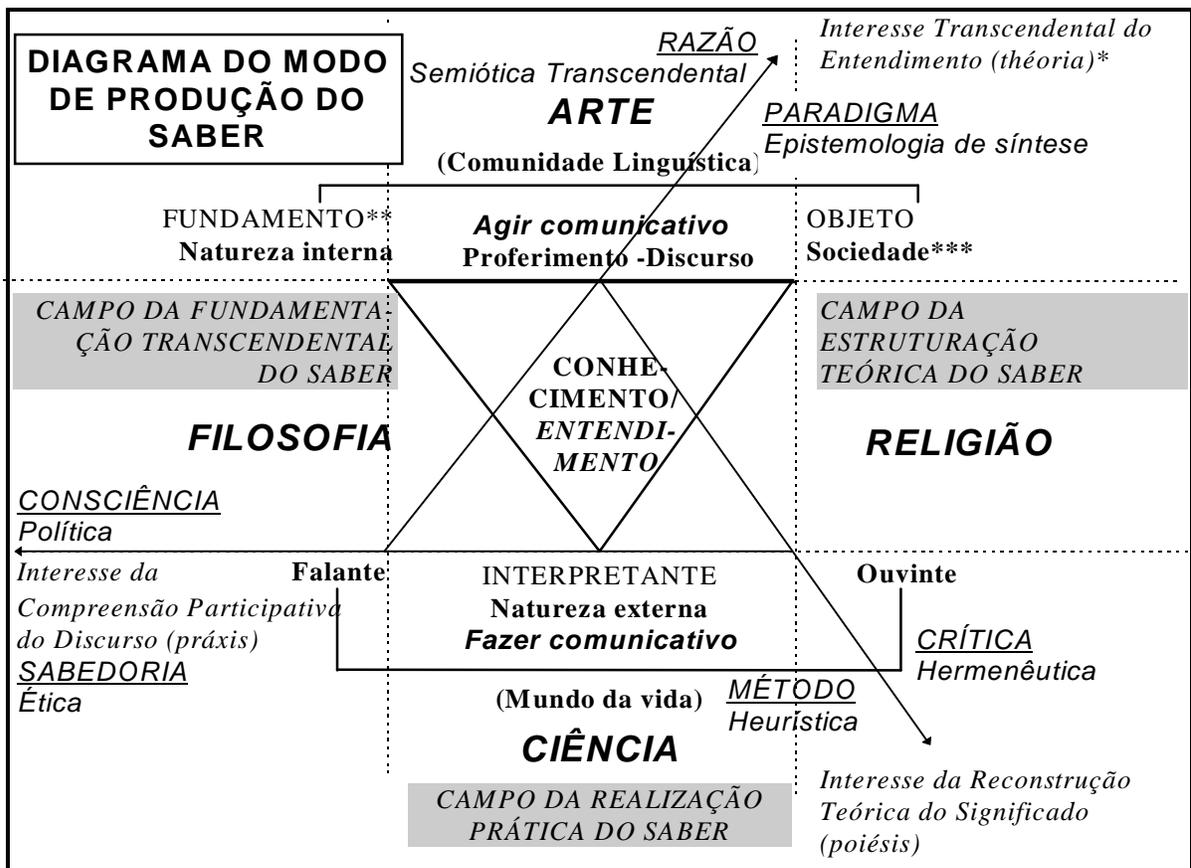
Esboçando um princípio de resposta à primeira questão, cuja análise será aprofundada ao longo desta tese, percebe-se que o processo da comunicação lingüística, na dialética do agir e do fazer comunicativos, origina **princípios** e **arquétipos** que operam, como vetores do **entendimento**, a racionalidade própria de cada um dos três interesses epistemológicos, originando destarte as seis disciplinas da Divisão Funcional do Saber [já figuradas no Diagrama do **Quadro 4**].

No afrontamento da segunda questão, socorre-nos, neste primeiro nível de aprofundamento do tema, a exploração heurística do Diagrama da Auto-Reflexão Comunicativa [Quadros 3 e 4].

Ao se superporem (em perspectiva inversa) os dois triângulos que dão conta, respectivamente, da concepção triádica da **comunicação** e do **signo**, o que a topologia propõe à análise, configura, já não mais uma relação ternária de complementaridade, entre os pressupostos funcionais que lhes são anteriores e as condições estruturais que lhes são exteriores, mas a síntese de uma quaternidade [para utilizar a expressão cunhada por STEIN, 1993:93, na interpretação de HEIDEGGER], que lhe é propriamente intrínseca e derivada.

É a dinâmica e articulação desta quaternidade que manifesta os Saberes, como formas parcelares do conhecimento - as quais são tradicionalmente compreendidas na Divisão Estrutural do Saber enquanto FILOSOFIA, ARTE, RELIGIÃO e CIÊNCIA. [Diagrama do Quadro 6].

Quadro 6: Topologia conhecimento/entendimento na epistemologia de síntese com a sinalização das Divisões Funcional e Estrutural do Saber.



Legenda: * *Itálico*: conceitos propostos pelo autor; ** **Normal**: conceitos elaborados por PIERCE; *** **Negrito**: conceitos elaborados por HABERMAS.

Explicitadas essas conexões, da interpretação proposta pela hermenêutica habermasiana na concepção triádica do signo, carece de significado (justificando-se, talvez, apenas como recurso de argumentação e análise) a distinção habermasiana entre os *usos cognitivo e comunicativo* da **linguagem**. Ou bem se entende a linguagem num sentido comunicativo, ou bem não se trata de uma linguagem. Ou bem se conhece a perspectiva de outrem e o próprio mundo da vida, no processo triádico da comunicação simbólica, ou bem não se pode afirmar conhecê-los. Do que resulta que o

processo do conhecimento, concebido em termos de um uso não-comunicativo da linguagem, carece de sentido - ou, pelo menos, o tem reduzido pela incompletude do seu horizonte. A tentativa de construir uma teoria do conhecimento, sobre esse vazio de significado, encontra sua expressão na crise do cientificismo moderno.

Ao precisar, afinal, o *locus* da linguagem (como a região em que se atualizam e interagem o **agir** e o **fazer** comunicativos), aí se implica todo o sentido que a análise explicitou na caracterização dos seus três pressupostos funcionais e das suas três condições estruturais. Embora tal pretensão ultrapasse os limites que estabelecemos para o desenvolvimento deste texto, seria útil investigar a conexão teórica deste esboço conceitual com a ontologia fundamental de HEIDEGGER, onde o “DASEIN” se apresenta como “*um constructo onde esses elementos de totalidade, compreensão, significância e mundo, vão receber o seu lugar de análise*” (STEIN, 1993: 950). Um conceito que, não sendo mais *anterior* à linguagem, lhe é, não obstante, co-originário; e que, não sendo mais estritamente proposicional ou “cognitivo”, pode desdobrar em toda a sua conseqüência o caráter operacional, pragmático e, assim, comunicativo, dessa nova analítica.

O que nosso esforço surpreende, como denotação própria da duplicidade proposta por Habermas e da sua expressão sintética no conceito heideggeriano, no entanto, é a implicação epistemológica dessa polaridade intrínseca à linguagem, nos modos de apresentação do **agir** e do **fazer** comunicativos. Há, efetivamente, uma distinção entre a linguagem como estrutura de fala - **instituinte**; e a linguagem como estrutura de discurso - **instituído**. A linguagem como estrutura de fala, teleologicamente orientada ao entendimento; e a linguagem como discurso, estrutura sempre-já-dada do conhecimento. O enquadramento comunicativo e sua implicação epistemológica, no entanto, são comuns a essas duas perspectivas de análise da linguagem - como lhes são comuns também as suas pretensões de validez e as suas funções intrínsecas.

De fato, **não existe comunicação fora da totalidade**, representada pela *quaternidade* das manifestações fenomênicas da linguagem. Pode existir, sim, **comunicação deficiente**, quando uma ou mais dessas dimensões, intrínsecas ao processo de comunicação, são tácita e acriticamente desconsideradas pela reflexão. Neste sentido, **toda ciência traz consigo, implícita ou explicitamente, uma filosofia, uma arte e uma religião**.

Pobre ciência, que não reconhece, no conteúdo substancial de sua manifestação fenomênica, a presença e a implicação dessas outras dimensões do saber. Surpreende-se inapta à elaboração da **sabedoria** que aspira e torna-se, com isso, menos **consciente** das suas possibilidades e dos seus limites; falece na **crítica** dos seus próprios pressupostos e claudica na exploração do seu potencial **metodológico**; limita a **racionalidade** da sua justificação e compromete, assim, o **paradigma** da sua própria instituição.